

## **REPENSANDO O CENÁRIO ATUAL: RELATO DE PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E ESCRITA PARA O JOVEM LEITOR DO SÉCULO XXI**

Noêmia Coutinho Pereira Lopes<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Não é novidade o fato de a sociedade se encontrar bem diferente hoje se comparada há 10, 15 anos. O cenário político, econômico e social mudou – novos paradigmas surgiram e, dentre eles, a importância de se refletir o ensino nas escolas, sejam estas de educação básica ou de ensino médio, uma vez que leitor somos todos nós, ou deveríamos ser. Se a leitura é a base para a compreensão, interpretação, escrita e atuação no mundo, faz-se necessário repensar práticas pedagógicas que verdadeiramente instrumentalizem esse jovem no universo de possibilidades de leitura. O que se percebe é que muitas práticas pedagógicas continuam as mesmas de final de século XIX, numa sociedade de século XXI, plural, questionadora e com enorme facilidade de acesso a informações. Se nas aulas de literatura do Ensino Fundamental ao aluno raramente são apresentadas as obras clássicas da literatura de maneira que o tornem leitor e apreciador destas – integrais ou releituras –, maior dificuldade esse mesmo aluno encontrará quando, no ensino médio se deparar com obras que lhe exijam uma maior maturidade linguística. Pensando por esse viés, o presente trabalho objetiva apresentar um relato de experiência quando da criação do projeto “Escritores da liberdade na estrada de tijolos amarelos”, desenvolvido com alunos das séries finais de Ensino Fundamental II, com desdobramentos no Ensino Médio e os resultados obtidos até então. Para isso, foram observados os postulados de Antoine Compagnon, Leo Fraiman, Mirna Pinsky, Ricardo José Duff Azevedo e Lúcia Castello Branco.

**Palavra-chave:** literatura juvenil; encantamento; escrita

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (Português-Inglês), pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino do Português e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), atualmente é professora da Educação Básica, ministrando aulas de Literatura para o 8º e o 9º ano e de Português Jurídico, no Curso de Direito. Além de professora, desenvolve projetos de incentivo à leitura e escrita com alunos, revisão e crítica literária, tendo como resultado desse, até o momento, nove livros de alunos publicados. E-mail: noemiacoutinho@hotmail.com



## ABSTRACT

It is not new that society is very different today compared to 10, 15 years ago. The political, economic and social scenario has changed - new paradigms have emerged and, among them, the importance of reflecting the teaching in schools, be they basic education or high school, since we are all, or should be. If reading is the basis for understanding, interpreting, writing and acting in the world, it is necessary to rethink pedagogical practices that truly instrumentalize this young person in the universe of reading possibilities. What is perceived is that many pedagogical practices remain the same at the end of the nineteenth century, in a twenty-first century society, plural, questioning and with enormous ease of access to information. If in classical literature lessons students are rarely presented with classical works of literature in a way that makes them a reader and appreciator of these - integrals or re-readings -, the greater difficulty this student will encounter when, in high school, he comes across works that linguistic maturity. Thinking about this bias, the present work aims to present an experience report when the "Writers of freedom on the yellow brick road" project was developed, with students from the final grades of elementary school, with developments in high school and the results obtained until So. For that, the postulates of Antoine de Compagnon, Leo Fraiman, Mirna Pinsky, Ricardo José Duff Azevedo and Lúcia Castello Branco were observed.

**Keywords:** juvenile literature; enchantment; writing

## INTRODUÇÃO

*É que somente a leitura intensa, constante, é capaz de construir e desenvolver um eu autônomo.*

*Harold Bloom*

Iniciar um artigo a respeito de possibilidades, abordagens e reflexões em relação ao ensino e a aprendizagem dos jovens adolescentes, na atualidade, é correr o risco de repisar um terreno por outros tantas vezes desbravado. No entanto, mesmo um caminho por muitos já conhecido pode-se apresentar novo se pensado sob uma ótica diferente. Não é novidade ouvir relatos de colegas professores e de pais preocupados com o fato de os filhos parecerem ter perdido o encanto pelo aprender. Um problema que é possível perceber nessa realidade é o fato de analisarmos a situação tomando como base outro tempo, outra realidade: a nossa, quando tínhamos a idade desse jovem de hoje.

Educar não tem sido fácil, seja para as famílias ou para a escola. Em uma sociedade plural como essa em que estamos vivendo, tendo o aluno acesso à informação com um simples toque em uma tela de celular, não é de se estranhar que algumas atividades propostas pelos professores pareçam obsoletas. E aqui, faz-se necessário esclarecer um ponto: o objetivo do presente trabalho não é negar o aprendizado a partir de atividades consideradas tradicionais



ou criticar a prática docente de quem opta por essa linha pedagógica. Ao contrário. A proposta é apresentar um novo olhar para a prática docente a partir de um convite sobre a necessidade de se refletir a respeito de trilhar a estrada do conhecimento observando-se outro ângulo do caminho, dentro de um veículo talvez um pouco mais potente e em um modelo atual.

Aceito esse convite, é importante o docente ter como primeiro passo uma retrospectiva pessoal, questionando-se como foi que trilhou a estrada do conhecimento pela primeira vez, recordando-se dos encantos das descobertas e de quantas vezes já fez esse mesmo trajeto, mostrando, a cada ano, para uma nova turma, o que a estrada oferece. Mesmo o professor com pouco tempo de carreira traz em sua memória uma bagagem repleta de experiências. A partir do olhar do outro – no caso, do professor que teve – foi conduzido e agora, tendo se tornado um professor, conduz sua turma, imprimindo em sua aula um pouco da aula que um dia teve.

Para melhor apresentar essa reflexão que ora proponho, optei por fazer um recorte na abordagem, direcionando a reflexão para as aulas de Literatura, tendo como público-alvo, jovens adolescentes dessa geração que já nasceu conectada ao mundo virtual.

### **A partir das palavras dos outros, o meu começo**

Mirna Pinsky, em seu artigo intitulado “Os trilhos e o trem”<sup>2</sup> aborda sua experiência pessoal ao nos relatar como se deu seu encantamento com a literatura, como se iniciou nessa estrada. De maneira leve, conduz o leitor pelas linhas, fazendo com que este busque relembrar suas próprias experiências com os livros. Já no primeiro parágrafo, relata que

[o] que veio primeiro foi o encantamento pelas palavras dos outros. Sem, claro, perceber o que me acontecia, fui sendo transportada para fora da chatice de minhas limitadas rotinas ao embarcar em hipérbolos alheias. E o instrumento desse traslado, a palavra, me parecia perfeitamente ao meu alcance (BRAIT, 2010, p. 83).

Dessa forma, inspirando-me nas “palavras dos outros”, inicio esse reflexão a partir de um relato de experiência. Entretanto, antes de partirmos para o relato em si, faz-se necessário uma apresentação. Interessante remontar um pouco no tempo e pensar quando meu encanto com a literatura teria começado. Nesse devaneio pessoal, acabo por também me questionar qual teria sido esse meu primeiro contato. E embora eu não consiga me lembrar da primeira semente – o que mostra que isso já faz um tempinho! – de dois momentos eu não me esqueço: o primeiro quando, ainda no Ensino Fundamental II, minha professora de Literatura, uma doce senhora que nos encantava a todos com seu jeitinho de vó que olha para o neto com a certeza de que o amanhã valerá a pena, solicitou que escrevêssemos uma carta. Havia

---

<sup>2</sup> Depoimento publicado no livro *Literatura e Outras Linguagens*, organizado por Beth Brait.



instruções a seguir, no entanto, o conteúdo era pessoal. E quando, dias depois, ela leu para a turma as cartas que havia selecionado entre as mais poéticas e as quais mais a haviam tocado, qual não foi minha surpresa ao ouvir daquela doce voz, as palavras que eu havia escrito! A emoção com que ela leu e os olhos marejados ao final, apresentando-me à turma como a autora da carta despertaram em mim uma vontade de saber mais, de entender o poder de encantar que as palavras poderiam adquirir.

Se uma atividade escolar, talvez feita às pressas, poderia emocionar alguém, tenham certeza de que esse alguém não foi a professora ou as colegas<sup>3</sup> que me aplaudiram. Esse alguém foi eu mesma. Eis a proposta do novo olhar para um caminho já conhecido. Eu havia escrito aquela carta; conhecia as palavras, o encadeamento das informações. No entanto, lida por outra pessoa, também me fez trilhar novamente aquele caminho, sendo conduzida por um outro olhar.

Recentemente eu vi essa professora saindo de um táxi no centro da cidade. Tão velhinha, parecia tão frágil aguardando o motorista parar o trânsito em nossas ruas estreitas para que ela pudesse, vagarosamente e apoiada a uma bengala, descer e entrar em uma loja. Observei que o motorista do ônibus que estava logo atrás parou e esperou toda a eternidade dos minutos daqueles passos já tão lentos. E em nenhum momento ele esboçou impaciência. Ele esperou, com um sorriso no rosto. Talvez pelo respeito que todos nós devemos ter para com nosso semelhante. Talvez porque, quem sabe, ele um dia tenha sido aluno dela também.

Claro que entrei na loja. Eu precisava vê-la mais de perto. Ela aguardava a vendedora, sentada em uma cadeira, descansando não apenas dos poucos passos que dera, mas de um corpo que demonstrava claros sinais de que não mais acompanhava a vontade de continuar seguindo. Passei por ela algumas vezes. Bem, ela não me reconheceu. Apenas me devolveu um sorriso. Para mim, foi novamente um prêmio porque se hoje estou aqui, escrevendo esse relato e me emocionando com essas lembranças é porque ela me proporcionou sentir isso há alguns anos. Alguma coisa me diz que naquele sorriso, ela sabe disso.

O segundo momento foi já no Ensino Médio em que, durante uma apresentação de trabalho, a professora informou que sortearia alguém do grupo para fazer a leitura de um excerto de um livro. Eu fui sorteada. Quando me vi na frente da turma, com todos me olhando, eu respirei fundo e deixei a emoção fluir. Não era eu quem lia. Era o personagem que falava por minha boca. Era mais uma maneira de trilhar a estrada já tão minha conhecida. Mais do que aqueles aplausos de todo encerramento de apresentação, foi o olhar de encantamento para com o texto que me chamou atenção. Ali, mais uma vez, a literatura me

---

<sup>3</sup> Na ocasião, final de século XX, eu estudava em um colégio com turmas apenas de meninas.

proporcionou uma sensação tão diferente e desafiadora, deixando claro para mim as possibilidades de se caminhar por uma mesma estrada com olhares e sensações diferentes a cada vez que eu percorresse o caminho que entendi o que queria fazer: mostrar aos outros novas possibilidades para uma estrada já compactada; aprender a olhar sob a ótica de outros; encantar e me deixar ser encantada. Decidi. Eu seria professora! E professora de Literatura!

### **Compartilhando para multiplicar**

O presente trabalho foi baseado na prática pedagógica que desenvolvo com alunos do Ensino Fundamental II, como pesquisadora e observadora da realidade em que me encontro, de ser social, em uma sociedade conectada, multifacetada e plural, bem como observando grandes profissionais da área, e também os postulados de nomes que merecem muita consideração, seja pelas pesquisas que desenvolvem – ou desenvolveram –, ou pelas reflexões que propõem sobre o fazer literário (apreciação e criação) a partir de apontamentos acerca de práticas pedagógicas e seus desdobramentos na vida do aluno. Foram observados os postulados de Antoine Compagnon, Leo Fraiman, Lúcia Castello Branco, Mirna Pinsky e Ricardo José Duff Azevedo.

Proporcionar ao aluno do século XXI aulas com conteúdo, que sejam dinâmicas e que o instiguem a buscar mais tem sido um grande desafio dos professores há muito tempo. Talvez, a diferença na atualidade é o fato de o perfil da sociedade ter mudado tanto, em uma velocidade que as escolas não conseguiram acompanhar – famílias com número menor de membros, pais/responsáveis cada vez mais voltados ao trabalho e com menos tempo para os momentos em família, criando filhos, muitas vezes, com dificuldades em lidar com responsabilidades e frustrações. Há quem afirme que essa geração se distanciou dos livros a ponto de praticamente não reconhecê-los como chaves capazes de nos guiar ao inimaginável. E então nos questionamos: como nós, professores, podemos, diante desse cenário, auxiliar no desenvolvimento desses jovens a fim de que adquiram maturidade, autoconfiança e autonomia? Ricardo José Duff Azevedo também nos apresenta um questionamento: “Onde estão os leitores em um ambiente que tende a ignorar a existência de diferentes modelos construtivos para a criação de discursos e que costuma valorizar um (o moderno e o erudito) em detrimento de todos os outros?” (AZEVEDO, 2014, p. 97).

Apenas tangenciando a questão dos analfabetos funcionais, por não ser o objeto do presente trabalho, o fato de o aluno na contemporaneidade, em alguns momentos, apresentar dificuldades quando da apreciação de um texto literário não significa que ele não seja capaz, se bem orientado, de perceber as características e possibilidades desse texto.



Ouso, ainda, discordar da ideia superficial de culpabilizar apenas os jovens pelo desinteresse durante as aulas e do contato cada vez mais escasso com os livros. Será mesmo que esse jovem de hoje não é um leitor? O quadro que se apresenta é de uma geração que tem à disposição outras ferramentas para guiá-la. Todavia, de muito pouco adianta isso se não for feito a esse aluno um convite para aprender enquanto também ensina. É preciso estar preparado para a responsabilidade de apresentar a estrada – esse mundo tão desafiador – às novas gerações, estendendo a experiência pessoal à social, ampliando os horizontes e as possibilidades do olhar. O professor precisa se lembrar de que também já fez o percurso guiado por outro alguém, com outras ferramentas. Aprendeu. Ensinou. Plantou mais uma semente na estrada.

### **A estrada de tijolos amarelos – minha metáfora pessoal para o mundo do conhecimento**

Objetivando repensar as aulas de literatura para alunos do Ensino Fundamental II, com desdobramentos no Ensino Médio, o projeto “Escritores da liberdade na estrada de tijolos amarelos” nasceu a fim de resgatar o encantamento pelas palavras e seu universo de possibilidades, apresentando aos alunos um convite a trilhar o caminho do aprender de maneira a proporcionar autoconhecimento, capacidade de gerenciar as próprias emoções, empatia e autonomia.

Ao ler as “palavras dos outros” e deitar no papel as próprias, escolhendo entre uma ou outra aquela que melhor representa sua intenção comunicativa, está esse aluno trabalhando leitura, compreensão, interpretação, vocabulário, construções gramaticais (das simples às complexas) e seus efeitos discursivos, bem como aprendendo a lidar com as próprias emoções a partir da experiência vicária. Leo Fraiman nos esclarece que

[c]onhecer o prisma pelo qual percebemos o ser humano, a vida e as relações do homem com seus semelhantes e com sua realidade é essencial, pois é a partir da compreensão de quem somos e de como funcionamos que podemos nos aproximar da melhor versão de nós mesmos (FRAIMAN, 2015, p. 34).

Alguns alunos, a partir dessas abordagens, sentem-se tão encantados com as palavras que, de forma natural, escrevem seus próprios livros, seja para publicação ou não. Enfim, deixam sua contribuição nessa estrada do conhecimento. Daí o questionamento se esse jovem aluno não se interessa mesmo por livros. Talvez – e eu acredito muito nisso – o ponto seja questionar se o professor da atualidade realmente acredita em sua profissão; se tem noção do tamanho da responsabilidade e se está se atualizando, constantemente, para auxiliar seu aluno



a percorrer o caminho do aprender, com passos firmes e com objetivos para além do horizonte.

### **Ensino de Literatura**

Há aproximadamente nove anos percebi o quanto a sociedade estava em processo de se repensar as práticas consagradas, sobretudo no campo da educação. Aulas, dinâmicas e abordagens que eram antes garantia de interesse por parte dos alunos passaram a ser entendidas como mais um horário a ser cumprido por eles. Diante desse novo cenário, era preciso agir. Com cursos de capacitação e muitas leituras, bem como entrevistas com os alunos e análise de resultados, um novo perfil de aula passou a fazer parte de minha rotina pedagógica. Após essa etapa, formalizou-se – porque sempre incentivei! – o projeto de incentivo à leitura e escrita dos alunos e quando em 2011 o primeiro livro foi publicado, o projeto adquiriu o formato que tem hoje.

Analisando o atual panorama em que se encontra o ensino de Literatura em muitas escolas brasileiras, muitas vezes sendo destinada a essa disciplina apenas uma aula por semana a fim de que se cumpra uma grade curricular – ou, em grande parte, dentro da disciplina Português, passando esta a ser vista como conteúdo de “menor importância” e não como disciplina – faz-se interessante refletir sobre qual o lugar da Literatura na sociedade contemporânea.

Segundo Ricardo José Duff Azevedo,

se é verdade que os homens são condicionados e moldados pelo sistema cultural a que pertencem, o nosso poderia ser caracterizado pelo individualismo, pela valorização da técnica e pela economia. E também caracterizado, sem medo de errar, pela despolitização ampla, geral e irrestrita (AZEVEDO, 2014, p. 93).

Partindo dessa ideia de contemporaneidade, constatamos o quão distante as pessoas estão umas das outras – sejam essas outras a família, os amigos ou, o que acontece em muitos casos, distantes delas mesmas. Parece que a alienação tem se tornado algo rotineiro nas discussões em torno dos assuntos, sejam eles relevantes ou não. E se não é possibilitado que se reflita sobre papéis e posturas na sociedade, como resolver outras questões em que seja necessário assumir um posicionamento?

É notório que há uma mudança no perfil da sociedade. Novas posturas, novos paradigmas. O presente relato não tem como objetivo discorrer sobre as causas, os efeitos e as soluções para essa nova realidade, até mesmo porque mudanças fazem parte do desenvolvimento de qualquer um. No entanto, o ponto de partida para a discussão ora proposta é pensar por que a literatura tem se tornado, em muitas escolas, uma disciplina menor e o que pode ser feito para reverter esse quadro.



Infelizmente, há famílias que, quando querem punir as crianças por algo que fizeram em desacordo com as regras da casa, colocam essa criança em um canto destinado ao castigo – ou para os politicamente corretos, “cantinho da reflexão”, com um livro nas mãos. Sim! O momento de castigo é associado ao livro! Como consequência disso, temos mais pessoas se distanciando da literatura e mais famílias se distanciando delas mesmas.

Se nessa nova sociedade o lugar das discussões tem se tornado o bate-papo ou a fofoca – ou ainda, as brigas – por meio dos eletrônicos e seus aplicativos, esse processo de despolitização, de olhar nos olhos, de buscar entender e se colocar no lugar do outro fica gravemente comprometido, tendo em vista claramente que uma das consequências tem sido a falta de criticidade sobre aquilo que é exposto, aquilo que é partilhado. Como propõe Azevedo,

[p]ois bem: onde estão os leitores num ambiente assim? Não vejo como pensar em leitores sem discutir o que é ficção. Em tempos tecnocratas, onde o significado da vida parece estar relacionado, como disse, a coisas como utilitarismo, impessoalidade, controle, informação, produção, mercados, consumos e lucros, surge a pergunta: para que comprar livros de ficção e poesia? Para que gastar dinheiro à toa? Por que não ficar apenas com os manuais técnicos? (AZEVEDO, 2014, p. 94)

Diante disso, proponho mais algumas reflexões. E por que sim à literatura se em grande parte o que vemos é relações que primam pela impessoalidade em seus arranjos, não havendo lugar para que se ocupe de leitura de ficção, de sentimentos que sejam despertados pelo simples fato de ler palavras escritas em um papel? Se os professores são formados já nesse contexto de que não se valoriza a literatura na escola, nem os alunos, nem mesmo suas famílias que informam ainda não terem adquirido o livro solicitado pelo preço acima das possibilidades, mas que ostentam celulares de última geração, cheios de aplicativos, entretanto sem espaço para baixar um livro virtual, como ainda dizer sim à literatura? Como sabemos, há uma enorme diferença entre preço e valor das coisas, embora muitos tenham se esquecido disso.

Um dos grandes papéis da escola é a formação do cidadão. Não apenas o cidadão aritmético, o linguista, o cientista entre outros. Cabe também à escola, despertar no aluno o interesse em conhecer outras possibilidades, questionar outros sistemas, repensar atitudes. É preciso educar também a emoção. Assim, não é possível ignorar o fato de deixarmos que as aulas de Literatura nas escolas se tornem aquele momento do castigo de outrora. É preciso que as aulas não mais deixem de ser programadas com a mesma importância de conteúdos tecnicistas. É preciso de um clima aconchegante onde não se é possível mudar de ambiente,





levando os alunos para uma biblioteca ou um jardim, ou ainda uma sombra de uma árvore, por exemplo. É possível se deixar encantar pelas possibilidades.

No entanto, todo esse encantamento deve vir primeiro do professor. Como um profissional que assume uma responsabilidade, o professor deve se aprimorar não apenas nas informações e – talvez principalmente – sim em técnicas que lhe permitam levar a essa nova sociedade todo um universo de possibilidades para que novamente, o brilho nos olhos possa voltar e, como mencionou Guionmar de Gramont<sup>4</sup>, as pessoas se tornem mais humanas.

## METODOLOGIA

Foi observando essa realidade que comecei, há alguns anos, a incentivar os alunos a colocarem no papel suas angústias, reflexões, dúvidas, ideias. Costumo dizer a eles que sentimentos não foram feitos para serem guardados. Se são bons, devem ser compartilhados; se não são tão bons, devem ser externados em um papel, por exemplo, para que o autor possa, ao mesmo tempo que se alivia desse sentimento, entender o que está se passando.

Início as aulas retomando a aula anterior – pontos principais – e lançando questionamentos sobre o que fora discutido a fim de perceber quais reflexões os alunos elencaram como importantes, de que forma a aula contribuiu para com eles e o que pesquisaram/como se prepararam para a aula<sup>5</sup> do dia em questão. Em seguida, lanço a temática apresentando os livros e a biografia de autores – canônicos ou não – e o contexto de produção de cada um, os alunos começam a perceber que estes não nasceram escritores prontos e sim, foram se construindo, se moldando ao longo do caminho. Observam, também, que alguns passaram por muitos problemas pessoais e que a escrita foi uma das formas que encontraram para exercitar esse entendimento de si, seja escrevendo sobre eles ou sobre os outros.

Concomitante a essas pesquisas iniciais, os alunos buscam informações sobre as temáticas abordadas no livro que estiver sendo trabalhado, utilizando as mais variadas ferramentas que tiverem disponíveis e com a missão de compartilhar com os colegas as informações pesquisadas. Tem-se, então, já um maior envolvimento, tanto dos alunos quanto das famílias, uma vez que, entre essas ferramentas, encontram-se entrevistas também com os pais/responsáveis sobre as leituras, os autores ou as temáticas. E mais uma vez trago as palavras de Fraiman, agora retomando Philippe Perrenoud:

<sup>4</sup> In “A pensar fundo na questão, eu diria que ler devia ser proibido”, texto já conhecido de muitos de nós.

<sup>5</sup> Como pontuado por Içami Tiba ao longo de suas reflexões, organizo a minha aula em miniaulas, compreendendo a retomada da aula anterior, a proposta para a aula do dia e a “propaganda” para a aula subsequente.



[a] escola deve preparar para a vida, com vida. A biologia deve dar conta não apenas de ensinar conceitos que caem no vestibular. Ela deve transmitir a motivação ao zelo com o corpo, preparar-nos para uma existência feliz, falar de como podemos desenvolver nosso bom-humor, uma vida de boa qualidade. Da mesma forma, a matemática deve estar também voltada ao aprendizado de como e por que fazer compras sustentáveis, aquisições realmente necessárias e construir cidades com mudanças ambientais bem cuidadas. É assim que os saberes formam competências perenes e diferenciadas: quando falam da vida, com vida. Quando o aluno percebe o valor no que aprende, se sente mais motivado (FRAIMAN, 2015, p. 43-43).

A partir daí, os alunos começam a buscar na leitura e na escrita, mais que uma obrigação escolar. Eles percebem a escrita como parceira no processo de entendimento deles mesmos. Há encantamento, há brilho no olhar, há vontade em escrever!

Justamente por estarmos vivendo outra era – que seja a tecnológica – é possível e necessário refazer os questionamentos daquilo que estamos ensinando, compartilhando, quer numa sala de universidade ou numa escola de educação básica. Não há como negar que além de pensarmos a formação do futuro professor, é importante que se problematize a responsabilidade daquilo que irá desenvolver em uma sala de aula, independente da idade e do contexto dos alunos.

A sequência didática a partir dessas primeiras considerações varia de acordo com a obra e os objetivos do trabalho. No entanto, resalto a leitura dos capítulos iniciais junto com os alunos, em sala, a fim de dar o tom ao livro; as encenações e os debates sobre alguns tópicos (sugeridos por mim e pelos próprios alunos – ou pais/responsáveis); o levantamento de hipóteses sobre o desenrolar das histórias; sugestões de novos desfechos, de acordo com olhares diversos para o mesmo texto, bem como a análise do contexto em que foi escrita a obra e as possibilidades de alterações, ou não, se pensada a obra no contexto atual – a proposta do novo olhar para a mesma estrada, aprender juntos.

E do texto escrito à música, pintura, dança, teatro etc., passamos pelas artes, integrando os conteúdos didáticos (costumo sugerir aos alunos que complementem as pesquisas com outros colegas professores<sup>6</sup>, de acordo com a área de atuação), escritas e reescritas, afinal,

[é] fundamental auxiliarmos os alunos a construir (ou mesmo reconstruir) significados que estejam em consonância com a realidade atual e/ou futura. Pois, entre as missões da escola, está a de transformar a sociedade e isso se consegue com a ampliação do repertório existencial do educando e a motivação para Projetos de

---

<sup>6</sup> Ressalto que, embora seja uma necessidade repensar as práticas pedagógicas em sala de aula – e para além dela – nem todos os colegas professores espalhados aí por esse Brasil estão atuando nessa nova perspectiva, ainda utilizando apenas metodologias tradicionais em seu fazer. Vários são os aspectos a serem levados em conta e não me cabe julgamento. Trata-se apenas de uma constatação.



Vida nobres, quando se motiva ao “impossível”, ao “impensável” (FRAIMAN, 2015, p. 43).

Assim, os livros literários passam a serem encarados pelos alunos como uma possibilidade de ampliar seus saberes e, feito esse convite, há aqueles que vão além, escrevendo, eles mesmos seus próprios livros, com direito a lançamento e tudo!

### **Resgate do encantamento**

Praticamente um terreno com grande potencial, numa “terra em que se plantando tudo dá”, o aluno está à disposição para o caminho que lhe mostrarem. Não apenas porque ele tem de responder a provas e suas notas lhe renderão a aprovação, mas porque vê na figura do professor alguém de mais experiência, cujo grande papel é orientar. No entanto, com tantas inversões de valores, esse professor muitas vezes é encarado como o “inimigo” da turma, e mesmo que não seja sempre, ainda é possível mostrar uma nova maneira de caminhar, agora não de olhos baixos e sim na confiança de que haverá um amanhã. E mais importante, na certeza de que vale a pena ir à busca desse amanhã, independentemente de nossos valores, habilidades e sonhos. Todos nós podemos, de alguma forma, contribuir para uma sociedade melhor e sendo o professor um profissional que guia a todos, a responsabilidade aumenta.

Antoine Compagnon nos aclara que

[a] literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 47).

E é exatamente isso que encontramos em uma sala de aula: diversidade. A sociedade cada vez mais egoísta e, despolitizada, vive a alienação de que poucas vezes o outro existe e seus sentimentos não importam. Surge então, atrelado à formação do professor – e, como objetivo do presente trabalho, professor de literatura –, a necessidade de convidar o aluno não a uma obrigação, mas a uma espécie de exploração, de aventura, de descoberta, de autodescoberta, de autonomia, de empreender.

Com o convite feito, a magia começará. Entre aquele momento de silêncio para escutar o convite e a reação se fora aceito ou não está o papel do professor. Em uma palavra, atitude. Talvez os convites à literatura tenham sido feitos sem muito entusiasmo. Muito



provavelmente, mesmo numa turma considerada indisciplinada<sup>7</sup> e sem vontade para aprender, haverá alguém interessado e, quem sabe, esse alguém possa contagiar os demais colegas porque ele fora contagiado pelo brilho e entusiasmo do professor? Mais uma vez, o professor como o guia.

Para Compagnon,

[a] literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes (COMPAGNON, 2009, p. 50).

E sendo o aluno e o professor pessoas em constante transformação, não há como não tentar mudar essa realidade. Alunos são como barcos à deriva na imensidão de possibilidades do mar. Se houver quem lhes faça o convite, mesmo que não se consiga atingir a todos, alguém sairá do lugar rumo a um destino.

Em sala de aula, com alunos entre 12 e 15 anos tenho experimentado esse convite. Há aproximadamente nove anos essas inquietações frente à mudança da sociedade me chamaram a atenção. Não era mais possível fazer igual em uma sociedade diferente de outrora. Assim, buscando maneiras novas de fazer o convite, associando informações sobre comportamento humano e o adolescente da atual geração, comecei a obter resultados. Até o presente momento, foram 09 livros já publicados (e outros três se encontram em análise), dois ilustradores “descobertos” e alguns esboços para análise. “Dom Casmurro” continua encantando e “A paixão dos diamantes”, de Justiniano José da Rocha (1839) ainda rendendo apostas!

No início, é possível perceber muitos olhinhos brilhando, cheios de curiosidade. Quando a partir da biografia dos autores os alunos percebem que estes são humanos como eles, com dificuldades e realizações ao longo da vida, entendem que também podem eles tentar. E assim começam a passar para o papel as próprias emoções ou as histórias de ficção que criam. Há também muitos poemas e textos imagéticos sobre variados assuntos.

Aqueles que se interessam em aprofundar nessa escrita, apresentam-me a proposta de texto (tema, público-alvo, ideias, gênero textual) que pretendem desenvolver. Marcamos uma reunião de análise e, à medida que vão escrevendo, marcamos novas reuniões acontecem. Nesse ponto, os pais são convidados a também estarem presentes à reunião a fim de que entendam o processo e as etapas até a publicação. É interessante deixar claro que o apoio da

<sup>7</sup> Entendemos aqui como indisciplinada a turma que parece não ter objetivos de vida, mas, na verdade, talvez esteja sem um comandante à altura do potencial dos alunos. Esteja sendo guiada por caminhos ou ferramentas já obsoletas. Como costume dizer, não existem alunos ruins e sim, alunos ainda sem objetivos. No entanto, optei por utilizar a expressão no sentido comumente conhecido no meio dos professores.



instituição de ensino também é fundamental. No caso desse projeto, a Direção apoia e incentiva a participação dos alunos.

Finalizada a revisão e já formatado em livro, as famílias são orientadas a procurar uma editora e, a partir daí, assumem o lançamento. É interessante ressaltar que todos esses livros são registrados na Biblioteca Nacional, contando com ficha catalográfica completa. Outro ponto importante é a quantidade de alunos que prestigiam o lançamento dos livros, bem como as famílias presentes. Em quase todos os lançamentos, compuseram a mesa de honra representantes da Academia Montes-clarenses de Letras da cidade (Montes Claros, no norte de Minas Gerais) e algumas autoridades locais, também amantes da literatura.

Os lançamentos de livros são sempre momentos de cultura e de aprendizado, pois ao presenciarmos tamanho envolvimento e brilho nos olhos de autores tão jovens, sentimos nossas energias renovadas e temos a confirmação de que é possível trilhar um caminho rumo ao aprendizado significativo: o conhecimento do outro e o de si mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há ainda quem pergunte por que ser professor em um cenário desfavorável a esse profissional. Penso que o cenário muda até para que possamos exercitar melhor nosso olhar e descobrirmos outras estratégias de ensino. Como professores, não temos como seguir receitas prontas e esperar que todas apresentem o resultado que almejamos. Muitas vezes, é longe disso.

Receitas são resultados de experimentações e de possíveis caminhos a serem percorridos. É aprendendo com o caminho que o outro já trilhou que traçamos nossa própria rota. É sim possível, em pleno século XXI se encantar pela docência e encantar também os alunos. Há muitas maneiras de ajudá-los a descobrir o poder da leitura e da escrita e o quão ricos são os textos que escrevem. Trata-se também de o professor – guia nesse mar de possibilidades – dar um primeiro passo, procurando se capacitar e ousar mais.

É preciso acreditar na diferença do trabalho que faz e procurar fazer a diferença na vida dos alunos. A literatura proporciona isso. É no escuro, quando tudo parece sem saída, que a claridade da luz fica mais evidente.

E por que sim à literatura? Porque pode nos tirar desse estado de hipnose e nos fazer enxergar a nós e aos outros; entendendo que vivemos na mesma sociedade e somos responsáveis por ela. Castelo Branco finaliza um de seus artigos intitulado “Para onde vai a Literatura?”, citando Roland Barthes. Aqui, para finalizar o presente relato, tomo emprestadas as palavras dele já tão conhecidas de todos nós. “Se, não sei por que excesso de socialismo ou



de barbárie, todas as nossas disciplinas deveriam ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva” (BRANCO apud Barthes, 2014, p. 90).

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Ricardo Duff. Onde estão os textos literários em tempos utilitários marcados pelo individualismo, a técnica e a economia? In: BELMIRO, Célia Abicalil... (et al.).(org) **Onde está a literatura?** Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BRANCO, Lúcia Castello. Para onde vai a literatura? In: BELMIRO, Célia Abicalil... (et al.).(org) **Onde está a literatura?** Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FRAIMAM, Leo. **Como ensinar bem a crianças e adolescentes de hoje.** São Paulo: FTD, 2015

PINSKY, Mirna. Os trilhos e o trem. In: BRAIT, Beth. (org) **Literatura e outras linguagens.** São Paulo: Contexto, 2010.

**Artigo recebido em: 14/11/2018.**

**Artigo aceito em: 28/11/2018.**

